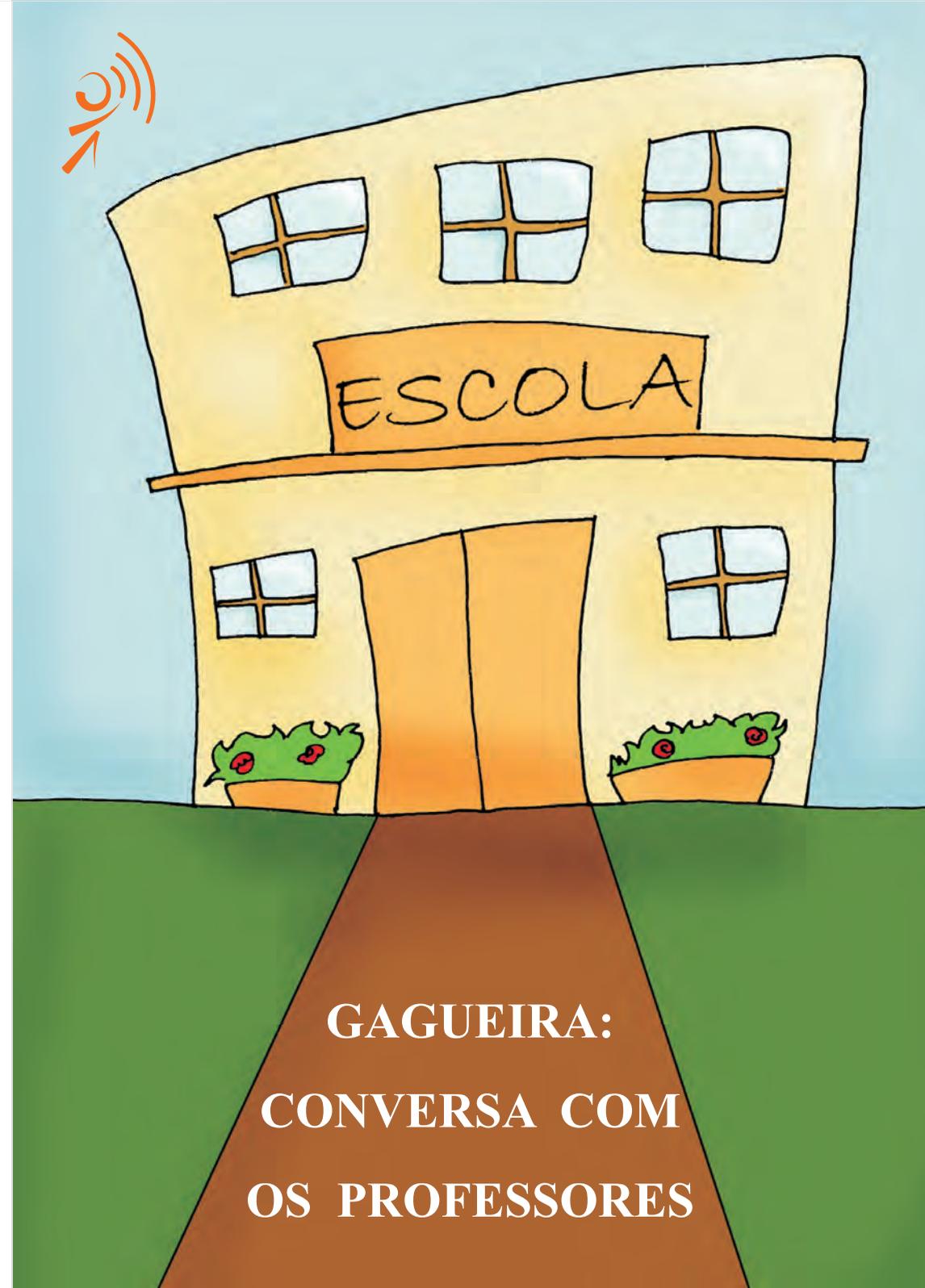


O Instituto Brasileiro de Fluência – IBF, foi fundado em 03.06.2006 por uma equipe de voluntários composta de fonoaudiólogos, pessoas que gaguejam e outros profissionais afins, com o intuito de unir forças e representar as aspirações das pessoas que apresentam distúrbios de fluência, de seus familiares e dos profissionais que atuam nesta área, junto ao Poder Público e à iniciativa privada.

Entre as diversas atividades que esta entidade vem efetuando, temos, com esta publicação, a realização de um de seus primeiros objetivos de atuação, intimamente relacionada aos indivíduos que gaguejam: disseminar conhecimentos atuais sobre a fluência e seus distúrbios aos professores da rede de ensino brasileira.

Acreditamos que, com esta iniciativa, possamos atingir muito diretamente nossa sociedade, dando subsídios para que a gagueira, cada vez mais, possa ser compreendida com a seriedade que merece.

O Conselho Federal de Fonoaudiologia – CFFa, órgão orientador e fiscalizador da profissão de fonoaudiólogo, tem a honra de apoiar o IBF em seus projetos sempre relevantes, como o deste livreto: uma proposta prática que oferece, de forma eficaz e eficiente, informações atualizadas sobre o tema para os profissionais da educação.



**GAGUEIRA:
CONVERSA COM
OS PROFESSORES**

Mais alguma coisa?

O Instituto Brasileiro de Fluência – IBF tem, como lema, “Gagueira levada a sério”. Seu intuito é disseminar informações científicas sobre gagueira, para que as pessoas que gaguejam possam ter seu espaço respeitado e seu desenvolvimento preservado e para que a sociedade saiba como pode atuar positivamente frente a esta questão. A divulgação de conhecimentos baseados em estudos científicos ainda é a maior arma de que dispomos contra o preconceito, é a melhor forma de evitarmos que a gagueira se agrave e/ou se cronifique.

Estamos ampliando nossa atuação através de grupos de orientação para pessoas que gaguejam e seus familiares. Para ter acesso a estes grupos - disponíveis em algumas cidades brasileiras - entre em contato através do e-mail: ibf.clinica@gmail.com ou do telefone (11) 7482 8866.

Se você deseja mais esclarecimentos, acesse nosso site: www.gagueira.org.br

Atenciosamente,

Instituto Brasileiro de Fluência – IBF



Agradeço a leitura atenta e as sugestões tão pertinentes de: Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt, Ignês Maia Ribeiro, Paulo Amaro Martins e Roberto Tadeu da Silva.

Agradeço especialmente as ilustrações de Andrea Marquezi Odri, a diagramação de Alex Sander Camargos e Roberto Tadeu da Silva e a revisão final de Ignês Maia Ribeiro.

Agradeço ainda o trabalho contínuo de bastidores de Hugo Silva e Sandra Merlo que garimpam informações atualíssimas e as distribuem com generosidade.

Eliana Maria Nigro Rocha
Diretora Clínica do IBF

GAGUEIRA: CONVERSA COM OS PROFESSORES

Caro professor,

Você já deve ter tido em sua sala de aula um aluno que gagueja e, se estiver iniciando sua carreira agora, com certeza vai se deparar com esta questão dentro em breve. Afinal, dados de pesquisas nos informam que 5% da população apresenta gagueira em algum momento de sua vida, e que 1% permanecerá gaguejando, cronicamente, para o resto de suas vidas. Assim, estimamos que no Brasil tenhamos mais de 1.800.000 pessoas que gaguejam! Realmente muitas, não é mesmo?

Caso você já tenha alguns anos de magistério e lhe pareça que nenhum de seus alunos gaguejava, tente pensar naqueles que nunca queriam ler para a classe, nem responder questões, que demoravam para dizer “presente” durante as chamadas (ou que respondiam com um “sim”, com um “aqui”, ou com algum som indefinido), que diziam “não sei” sem tentar responder às perguntas formuladas. Alguns destes provavelmente gaguejavam, e seus comportamentos não eram ditados pela timidez, mas representavam uma tentativa de esconder a gagueira.

Aliás, por um longo período, a timidez foi popularmente considerada como o motivo para a pessoa gaguejar, ou então se acreditava que a causa seria os misteriosos “problemas emocionais”. Se hoje temos muito mais informações do que há alguns anos atrás, e podemos afirmar que gagueira não tem como causa alterações de ordem psicológica, é certo também, que a gagueira pode trazer consequências desastrosas ao equilíbrio emocional de quem a manifesta. Isto porque a reação inadequada dos interlocutores a uma fala gaguejada, causada pelo desconhecimento do que é gagueira, pode fazer com que a criança superestime sua dificuldade ao ponto de se recolher em si mesma e se sentir incapaz de realizar atividades naturais que envolvam a fala: dar um recado, iniciar uma conversa, falar ao telefone, discutir algum assunto, narrar um fato, enfim, um número imenso de atos que implicam a busca e o contato com outros seres humanos.

Como o professor pode auxiliar a classe a atuar melhor diante da gagueira?

Quando parte da classe rejeita, imita ou menospreza o aluno que gagueja, a atuação adequada do mestre já é um ótimo modelo. Com certeza, a atitude de aceitação das diferenças em uma sala de aula é muitas vezes o reflexo da postura do professor.

Se o aluno que gagueja estiver sendo alvo de desrespeito dos demais alunos, apresente uma aula geral sobre as diferenças individuais e enfatize o necessário respeito a elas, uma vez que desconsideração significa ignorância das particularidades de cada pessoa.

Se um aluno se destaca no papel de desrespeito ao aluno que gagueja, converse com ele em particular. Diga a ele o que está percebendo e peça sua colaboração para ajudar a facilitar o convívio do aluno que gagueja. Volte a contatá-lo para que conversem sobre como este projeto conjunto está se desenvolvendo.

Havendo clima propício, oriente e auxilie seu aluno que gagueja a pesquisar sobre gagueira e considere a possibilidade de apresentarem para a classe o que descobriram e como percebem a questão. Outras questões que permeiem a classe poderiam seguir este mesmo esquema, de modo que fique claro que gagueira é apenas um entre tantos outros problemas e dificuldades com as quais aquela classe convive.



- Em alguma situação de extrema agitação, como um desentendimento entre os alunos em classe, por exemplo, busque inicialmente o retorno à ordem e à calma e só então conversem sobre o ocorrido. Se o tumulto for muito grande, busque a calma geral e diga que conversarão logo mais, e faça isto em particular, apenas com os envolvidos.
- Se perceber que existe aceitabilidade, procure dizer a este seu aluno, em uma rápida e discreta conversa particular, que você percebe que ele tem alguma dificuldade para falar em alguns momentos, e que você gostaria de ajudá-lo do modo que for melhor para ele.
- Será um bálsamo para o aluno que gagueja perceber que, caso necessite, pode contar com seu professor. Esta possibilidade de auxílio será maior se o professor demonstrar a este seu aluno que sabe um pouco sobre o que ele vivencia.

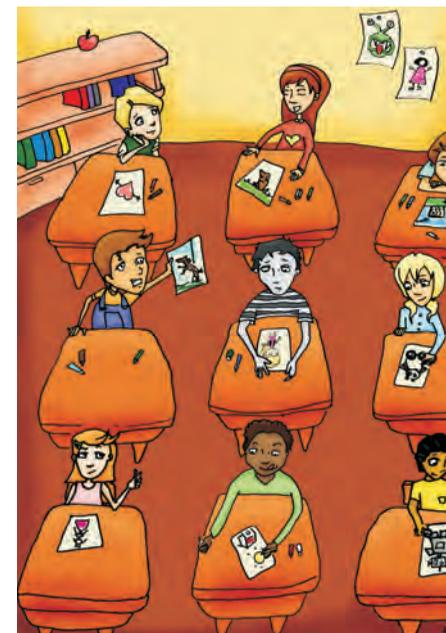
Temos então uma série de atitudes que visam amenizar as dificuldades de um aluno que gagueja, mas temos também que ficar atentos para não limitarmos suas atividades a uma determinada capacidade de um dado momento. Um discreto estímulo para que ele possa aos poucos superar alguns de seus limites – sem imaginar que com isto estaremos resolvendo seu distúrbio – também é muito bem-vindo.

Sem dúvida, o professor tem inúmeras frentes de trabalho o tempo todo em sua sala de aula: sua atividade é extremamente exigente e desgastante. Nem sempre ele terá a resposta mais adequada ao momento. No entanto, ter algumas possibilidades de atuação em mente favorecerá que estas venham à tona quando necessário.

Não ter a possibilidade de usufruir plenamente destas trocas é muito doloroso: coloca o indivíduo em uma redoma que o isola em muitas situações e, às vezes, não lhe permite o alívio que representa para nós contar às pessoas queridas o que nos aflige ou empolga. Ele precisa ter uma força interna muito maior do que os demais para vencer esta barreira adicional ao contato verbal, além das que todos nós já enfrentamos rotineiramente.

Assim, o Instituto Brasileiro de Fluência – IBF, considerando essencial a parceria com o professor, deseja, através deste comunicado, contribuir, fornecendo maiores informações sobre gagueira e buscando facilitar a possibilidade de atuação benéfica do professor ante o aluno que gagueja.

Estamos cientes da importância ímpar que o professor tem e da sua capacidade de divulgar não apenas idéias, mas principalmente modos de conduta. Uma vez que ele atua com uma parcela tão fundamental da nossa sociedade, poderá auxiliar a modificar a falta de conhecimento e o preconceito que envolve a gagueira e as pessoas que gaguejam, através de sua intervenção positiva.



O que é gagueira?

Gagueira é um distúrbio de comunicação, de base neurofisiológica, que afeta áreas do cérebro responsáveis pela fala e pela linguagem, produzindo uma fala interrompida, descontínua. É caracterizada basicamente por repetições de sílabas, prolongamentos e bloqueios.

Exemplificando, temos, respectivamente: uma repetição “Eu que-que-queria ir ao banheiro.”, um prolongamento “Ffffffoi você que pegou o meu livro?” e um bloqueio “Este ***caderno é meu!” Neste último exemplo, os asteriscos buscam representar um instante de silêncio, ou quase silêncio, enquanto o som é produzido. Este instante pode ser mais longo ou mais curto, e ser ou não acompanhado de posturas tensas (quando o aparelho fonador parece estar congelado na tentativa de pronunciar determinado som).

Além destas alterações no ritmo da fala, podem ocorrer também movimentos associados, como piscar de olhos, torção da cabeça, bater o pé no chão, entre outros. Alguns destes surgem espontaneamente, outros são tentativas que a pessoa realiza para se libertar do bloqueio que o impede de falar. Os movimentos associados só ocorrem junto com a fala ou com a tentativa de falar. Eles diferem dos tiques motores, que surgem independentemente de ser um momento de fala ou não.

Temos ainda frequentemente a evitação de situações de fala ou de palavras específicas, normalmente as que constituíram dificuldades em vivências anteriores.

Como já citamos anteriormente, o indivíduo não gagueja por ter um problema emocional, mas gaguejar pode lhe trazer muitos entraves em sua evolução para se constituir como uma pessoa plena.

- Se for fazer uma arguição oral para a classe toda, procure chamar este seu aluno que gagueja em segundo ou terceiro lugar. A ansiedade de aguardar sua hora de falar pode perturbar muito sua tranquilidade.
- Antes de iniciar a arguição, diga a toda a classe que você gostaria que eles pensassem calmamente antes de responder.
- Arguindo o aluno que gagueja, faça perguntas que possam ser respondidas em poucas palavras, o que não significa necessariamente perguntas fáceis.
- Se a clareza da resposta do seu aluno foi muito perturbada pelas rupturas, reproduza-a para a classe, de modo casual, acrescentando algum outro comentário ou mesmo dando continuidade para o questionamento dos demais. Ex: “Muito bem, Augusto! Você já nos disse que Brasília é a capital do Brasil. E Beatriz, poderia nos dizer o nome de uma capital de algum estado brasileiro?”
- Valorize toda iniciativa espontânea de participação oral do aluno, independente do resultado em termos de fluência. Estas participações vão permitir que ele experimente sua fala e se familiarize com a situação de exposição oral.
- Nas atividades de leitura oral, coloque as crianças para ler em duplas, sempre devagar e calmamente. Isto favorece a emissão de quem gagueja. Aos poucos, modifique esta atividade para que pequenos trechos possam ser lidos pelo seu aluno que gagueja. A leitura oral, geralmente é uma atividade muito difícil para a maioria dos que gaguejam. Mas não para todos. Por isso veja qual é o caso específico de seu aluno.

Como o professor pode auxiliar mais diretamente seu aluno que gagueja?

A atitude madura e acolhedora do professor é o primeiro passo. É preciso conhecer e respeitar as dificuldades específicas deste seu aluno, sem por isto lhe dar um tratamento que o coloque em uma posição de destaque negativo ou que o faça se sentir incapacitado. Conforme for se familiarizando com este seu aluno, vá percebendo quais situações de fala são mais difíceis para ele, se evita ou não ler ou apresentar trabalhos em classe, se conversa com os colegas nos intervalos, como a classe responde quando ele gagueja e como ele reage a estas eventuais respostas. Lembre-se que cada pessoa que gagueja pode ter dificuldades específicas em decorrência da intensidade de alteração de fluência que apresenta e também de acordo com a situação de fala do momento e da aceitação ou rejeição dos demais à sua fala.

O ideal é que o aluno que gagueja esteja sendo atendido por um fonoaudiólogo especializado em fluência e que este forneça orientações específicas ao professor e à coordenação. Mas, de um modo geral, pensando nas situações habituais em sala de aula, temos algumas sugestões de como o professor pode atuar de modo a facilitar a expressão oral deste seu aluno:



O que mais é importante saber sobre gagueira?

A gagueira é intermitente: pode surgir repentinamente e desaparecer momentaneamente. As interrupções, por serem involuntárias – sem que se tenha controle sobre elas - podem acontecer a qualquer momento, deixando a pessoa sem grandes previsões sobre quando conseguirá articular naturalmente um som ou uma palavra, ou quando “travará” sua fala.

Devemos também estar cientes de que a pessoa que gagueja tem uma dificuldade específica com sua fala e que a linguagem espontânea normalmente é a mais prejudicada, de modo que o aluno pode ter facilidade em emitir um texto decorado ou utilizar a fala automática como contar números e recitar orações; já explicar oralmente um conceito é geralmente mais difícil do que escrever sobre ele.

Isto não significa que quem gagueja seja menos inteligente que os demais ou que tenha alterações emocionais, como já mencionamos. Estes fatores podem estar presentes em uma pessoa que gagueja como em qualquer outra pessoa, complicando o quadro, mas não são fatores constituintes da gagueira.

É também essencial saber que a gagueira pode variar imensamente de uma pessoa para outra. Assim temos desde gagueiras levíssimas até muito severas e as reações desta pessoa à sua própria gagueira também variam, indo de uma visível angústia até a aparente desvalorização da importância da mesma.

Qual é a causa da gagueira?

Infelizmente, a gagueira é um distúrbio cercado de tabus. Os leigos costumam considerar suas causas como misteriosas e para isto buscam curas milagrosas. São muito comuns as afirmações de que a gagueira surge por imitação ou é decorrência de um susto, embora não existam estudos que comprovem estas afirmações.

Na realidade, mesmo que ainda tenhamos necessidade de muito mais pesquisas, já existe, entre a quase totalidade dos estudiosos, concordância de que a gagueira resulta da interação de vários fatores, o que inclui a questão genético-hereditária, neurofisiológica, de desenvolvimento da fala e da linguagem, da dinâmica familiar, entre outros.

A gagueira pode agravar com o passar do tempo?

Estranhamento, ansiedade, zombarias, pena e comportamentos semelhantes são reações que comumente a pessoa que gagueja identifica em seus interlocutores e que a leva à tentativa de esconder sua gagueira e também se esconder, para evitar situações de comunicação. Isto tudo tende a complicar o quadro, uma vez que o treino de utilização da fala fica reduzido e falar se transforma em sinônimo de grande risco de exposição de características que chamam a atenção dos demais, de maneira negativa.

Por outro lado, por incrível que possa parecer, é muito comum, a criança chegar à idade escolar sem nunca ter falado abertamente de sua dificuldade com nenhum adulto, pois estes, os pais incluídos, não sabem como lidar adequadamente com a questão e também porque existe a crença de que se ignorarmos a gagueira, se não chamarmos a atenção da criança para isto, ela desaparecerá. Esta atitude que pode ser adequada para uma criança muito pequena, perde seu sentido conforme a criança cresce e permanece gaguejando.

Não é difícil perceber o quanto todos estes fatos podem ser danosos ao desenvolvimento emocional de uma pessoa e como podem agravar sua dificuldade de base.

A gagueira é curada com o tratamento fonoaudiológico?

O atendimento precoce favorece o desaparecimento da gagueira, mas isto dependerá da carga genética e/ou das alterações neurológicas que a criança apresenta.

Com a terapia fonoaudiológica, a fala também poderá ser muito facilitada para os adolescentes e adultos que gaguejam, permitindo uma comunicação mais fácil e eficaz. Isto possibilitará uma vida plena e satisfatória, pois, mesmo que as tendências a rupturas na fala permaneçam, elas poderão ser suavizadas, deixando de ser perturbadoras ou vistas como empecilhos ao contato social.



O que fazer quando uma pessoa está gaguejando?

Ouvir!

Escutar o que ela está dizendo e não se fixar tanto no modo como ela está falando. Dar a ela o tempo que ela necessita para se comunicar.

É importante frisar que muitas das costumeiras tentativas de auxílio não são eficazes - ao contrário, dificultam a comunicação da pessoa que gagueja. Deste modo, evite completar as palavras por ela ou lhe dar sugestões de como falar melhor. Mantenha-se tranquilo e receptivo, demonstre sua atenção com o olhar calmo e com pequenas colocações que denotem o seu entendimento da mensagem que está sendo transmitida. De preferência, fale um pouco mais devagar e aguarde a pessoa terminar sua fala antes de iniciar a sua, cuidados que devemos ter normalmente em toda comunicação adequada.



Quando surge a gagueira?

A gagueira pode iniciar assim que a criança começa a falar, mas em geral se manifesta por volta dos três ou quatro anos. Picos de agravamento da gagueira podem ocorrer por volta dos sete anos, ou mesmo na pré-adolescência e na adolescência, o que muitas vezes é considerado pela criança e seus familiares como seu efetivo início. O surgimento da gagueira em adultos necessita de investigação neurológica imediata, pois pode significar alterações cerebrais importantes.

Mas todo mundo não gagueja de vez em quando?

Sim, todos nós temos rupturas em nossa fala em frequência variável, especialmente em situações de estresse ou cansaço. Estas são consideradas disfluências comuns.

A pessoa que gagueja apresenta estas rupturas em maior frequência, com maior intensidade, e apresenta também rupturas atípicas que têm algumas características específicas, conforme detalhado anteriormente, e, que muitas vezes, são acompanhadas por tensão física e sofrimento.



Algumas pessoas são mais propensas a apresentar gagueira?

Sim. Os indivíduos do gênero masculino apresentam gagueira cerca de quatro vezes mais frequentemente do que o gênero feminino. Além disto, história de gagueira na família e alterações no desenvolvimento da fala ou da linguagem propiciam o surgimento e manutenção da gagueira. Estes fatores se combinam com as múltiplas influências da personalidade da criança e do ambiente social.

Os pais são culpados pelo surgimento da gagueira?

Não. Os pais não fazem uma gagueira surgir.

No entanto, eles podem ser orientados a ter atitudes específicas e adequadas que auxiliem a evolução da fluência e da fala de seu filho ou mesmo minimizem a tendência da gagueira em se tornar mais severa.



Existe tratamento para gagueira?

Sim, existe. Mas, infelizmente, ainda é comum encontrar crianças que, ao gaguejar, são submetidas a um ou vários dos métodos populares para curar gagueira: pancadas de colher de pau, banhos inesperados com água gelada, sustos dos mais diversos tipos e as chamadas “simpatias” como beber água na casca de ovo, entre outras.

É importante frisar que estas atitudes são totalmente inadequadas e que nada disto traz resultados positivos. A ciência já tem respostas efetivas e comprovadas. A Fonoaudiologia e áreas paralelas, como as Neurociências, a Genética e a Linguística, vêm investindo intensamente no estudo e conhecimento aprofundado da gagueira.

Quanto mais cedo for realizado o encaminhamento para um fonoaudiólogo especializado em gagueira, maiores serão as possibilidades de recuperação. Este profissional avaliará a criança e poderá definir se a melhor conduta é orientar os pais e professores ou iniciar uma terapia direta com a criança.

Mas, se este encaminhamento não ocorreu em tempo, nem tudo está perdido: o adolescente e o adulto também têm grandes ganhos com a terapia.

